



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

PEDRO HENRIQUE SOUSA DA SILVA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO:
ESTATUTO CATEGORIAL DO
PARTICÍPIO PASSIVO EM PORTUGUÊS**

**Programa Nacional de Pós-Doutorado
(PNPD) - CAPES**

FORTALEZA

2019

PEDRO HENRIQUE SOUSA DA SILVA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE PÓS-DOCTORADO:
ESTATUTO CATEGORIAL DO
PARTICÍPIO PASSIVO EM PORTUGUÊS**

Relatório de estágio de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito para a aprovação do Estágio Pós-Doutoral realizado de outubro de 2018 a setembro de 2019.

Supervisor: Prof. Dr. Leonel Figueiredo de Alencar Araripe

FORTALEZA

2019

RELATÓRIO PNPd-CAPES

Bolsista: Pedro Henrique Sousa da Silva

Nosso subprojeto de pós-doutorado intitulado “ESTATUTO CATEGORIAL DO PARTICÍPIO PASSIVO EM PORTUGUÊS” buscou, num primeiro momento, abrigar-se em um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “CONSTRUÇÃO AUTOMÁTICA DE UM LÉXICO DE VALÊNCIAS DE AMPLA COBERTURA PARA ANÁLISE SINTÁTICA AUTOMÁTICA PROFUNDA DE TEXTOS IRRESTRITOS EM PORTUGUÊS NO FORMALISMO DA GRAMÁTICA LÉXICO-FUNCIONAL”, do Prof. Dr. Leonel de Figueiredo Alencar, nosso supervisor. O objetivo do subprojeto consistia em trazer uma contribuição ao reportado projeto de pesquisa, investigando o estatuto categorial do particípio passivo em português à luz da Gramática Léxico-Funcional, de Kaplan e Bresnan (1982), considerando, ainda, autores como Schwarze e Alencar (2016) e o Ambiente Linguístico da Xerox (XLE). Essa contribuição, no entanto, acabou não se realizando exatamente da forma como se esperava, por motivos tais como uma série de mudanças, durante nosso estágio pós-doutoral, que se deram em meus pontos de vista, pensamentos e ideias acerca do que se concebe como língua e, em especial, acerca do objeto linguístico proposto em meu próprio subprojeto. Logicamente, não convém verticalizar essa discussão aqui, mas é pertinente aclará-la minimamente, antes de partirmos para a descrição das contribuições que realizamos durante nosso estágio.

Como e para que investigar algo que não existe? Foi essa uma das indagações a que cheguei durante esse percurso. Com isso não me refiro especificamente aos trabalhos do Prof. Dr. Leonel Figueiredo Alencar, os quais têm relevância e reconhecimento assegurados no âmbito da linguística computacional. Não é disso que estou falando, mas de meus próprios estudos e divagações acerca do estatuto categorial do particípio passivo em português. Retomando então a pergunta anterior – e enunciando-a de outro modo - como e para que investigar algo que não passa de pura ficção entabulada por gramáticos, mas que, a despeito disso, se passa por “fenômeno” e, pior, por “fenômeno linguístico”?

A meu ver, essas etiquetas, os ditos “fenômenos linguísticos”, essas ficções refletem mais a velha ânsia de Saussure por conferir à Linguística *status* de ciência nos moldes e exigências positivistas, do que propriamente uma realidade. Se - como afirma o próprio Saussure (1916) – o signo é arbitrário, isto é, se a relação entre significante e significado é

arbitrária, então podemos afirmar que essa relação pressupõe um árbitro, o qual só pode ser o falante. Logo, chegamos a uma conclusão óbvia, mas que tem sido esquecida por muitos, qual seja: o signo depende do falante. Isto é, o signo não existe *per se*; ele é sempre epifenomênico e nunca fenomênico. E o que dizer do signo que designa outro signo? As partes do discurso, as classes gramaticais nada mais são que signos que designam outros. Logo, também não existem *per se*; não são entidades fenomênicas, tampouco o são as suas relações quer sintagmáticas, quer paradigmáticas.

E aqui vale lembrar certas palavras de Mário Perini (2006, p. 30), com quem concordamos neste particular: “[...] nem os substantivos, nem os adjetivos realmente ‘existem’ na língua: o que existe são os sons da fala (ou as letras no papel) e os significados que a eles se associam.” Agora parece estar mais clara a nossa pergunta inicial: como e para que investigar algo que não existe?

De fato, os substantivos, os adjetivos, os verbos, as partes do discurso em geral realmente não podem existir na língua, tal como assegura Perini, pois são puras ficções criadas pela tradição gramatical no afã de criar e arbitrar regras do “bem falar”.

Diante disso, pergunta-se: até quando devemos nos manter nessa espiral reinventando a roda gramatical de Dionísio, Donato e de outros gramáticos milenares? E pior, até quando devemos “vender” tais ficções como se fossem verdades *da* e *na* língua? Até quando não teremos liberdade para pensar a realidade linguística tal como ela realmente o é?

É de bom alvitre lembrar, ainda, o seguinte. Uma coisa é aceitar e adotar essas ficções de um ponto de vista didático ou mesmo para fazer algoritmos com elas; outra coisa totalmente diferente é aceitá-las como tais do ponto de vista científico.

Pesquisar e investigar na Linguística essas ficções gramaticais - acreditando serem elas não-ficções – é como investigar na Sociologia os caminhos trilhados pelo Papai Noel na distribuição de presentes natalinos acreditando serem esses caminhos reais, verdadeiros. Aliás, do ponto de vista científico, não só essas ficções gramaticais podem ser colocadas em xeque, mas também o próprio conceito de língua. Ressalte-se aí o que diz Bagno (2011, p. 385) a esse respeito: “[...] é necessário recordar que ‘língua’ não é um conceito claro e delimitado, nem sequer para a ciência linguística.”

Feitas essas observações, agora já convém dizer que, apesar dessas e de outras mudanças em meus pensamentos acerca da língua as quais me fizeram não prosseguir naquele subprojeto inicial - não desisti nem deixei de me empenhar para trazer contribuições de outras formas aos trabalhos de nosso supervisor, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

Dentre tais contribuições, destacam-se as seguintes: a) numa disciplina ofertada pelo mencionado supervisor ao referido Programa de Pós-Graduação em Linguística, ministramos aula abordando o tema “Expressões Multipalavras” (MWEs), a partir de Baldwin e Kim (2010), e fiscalizamos prova referente a tal disciplina; b) participamos da banca examinadora de qualificação de tese de doutorado de Jessé de Sousa Mourão, orientando do Prof. Dr. Leonel Figueiredo Alencar. Nesta banca, vale ressaltar, mesmo participando como membro suplente, enviamos ao supervisor parecer atinente ao projeto de tese de Jessé de Sousa Mourão; c) também participamos, agora como membro titular, da banca examinadora de qualificação de dissertação de mestrado de Hélio Leonam Barroso da Silva, outro orientando do Prof. Dr. Leonel Figueiredo Alencar; d) investigamos o estatuto categorial dos adjetivos em gramáticas da língua geral Nheengatu e, na sequência, enviamos ao supervisor um texto no qual apresentamos essa investigação com seus resultados parciais; e) iniciamos no XLE a construção de uma minigramática computacional do Nheengatu, para a qual demos o nome de *Nheegram*.

Nessa construção inicial da *Nheegram*, contamos com o apoio não somente de nosso supervisor, mas também, cumpre dizer, com o do colega Daniel Brasil, aos quais, vale frisar aqui, somos profundamente gratos por isso. Introduzimos na *Nheegram* uma parte (bastante restrita) do léxico do Nheengatu, bem como determinadas regras gramaticais com base nas quais se pode realizar o processamento automático de algumas frases nesta língua. Aclare-se que esta construção parou por aí, em fase inicial, e que é preciso avançar mais nesse sentido para que a *Nheegram* possa se consolidar efetivamente como a primeira gramática computacional de uma língua indígena no Brasil. Contudo, demos um passo inicial nessa direção. Esse primeiro passo, apesar de relativamente simples de um ponto de vista técnico, é de grande valor simbólico, em especial para os povos indígenas.

Diante disso, é de bom alvitre lembrar certas palavras de Auroux (2014, p. 70), segundo o qual “A gramática não é uma simples descrição da linguagem natural: é preciso concebê-la também como instrumento linguístico [...]”. Também há de se considerar que a criação e a consulta de instrumentos linguísticos, tais como gramáticas e dicionários, não só pressupõem um posicionamento político em relação à língua (ORLANDI, 2013), mas também - como afirma Lagares (2018) - desencadeiam efeitos glotopolíticos na sociedade. Com a *Nheegram*, nossa esperança é a de que seus efeitos glotopolíticos sejam positivos para os povos indígenas.

Tendo em vista essas considerações, esperamos que trabalhos futuros possam dar continuidade ao desenvolvimento da *Nheegram*, visando, sobretudo, a construção de uma sociedade mais humana e mais justa, na qual os indígenas não sejam mais vistos como a ‘casta

indiana dos intocáveis’, quero dizer, não sejam mais vistos de forma desumana, tal como ainda têm sido, infelizmente.

Além das contribuições ligadas ao campo de ensino e pesquisa de nosso supervisor, também realizamos outras que se colocam para além deste campo: a) organizamos e realizamos no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, no dia 27 de fevereiro de 2019, o “1º ENCONTRO CEARENSE DE GLOTOPOLÍTICA: POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ: DESAFIOS GLOTOPOLÍTICOS”, do qual participaram, através de suas lideranças, oito etnias indígenas do estado do Ceará: Gavião, Potiguara, Kalabaça, Kanindé, Tabajara, Tapeba, Tubiba-Tapuia e Tremembé. Também participaram desse evento os seguintes professores: Profa. Dra. Maria Odilez, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Roraima, o Prof. Ms. Luiz Lacerda, doutorando em humanidades pela VU – Amsterdã, e o Prof. Ms. Artur Baniwa, professor de Nheengatu e doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Brasília.

Esse evento se estruturou em três momentos distintos: dois pela manhã e um pela tarde. No primeiro, realizamos nossa palestra intitulada “Noções elementares de glotopolítica”. Num segundo momento, logo após a palestra, ocorreu uma mesa-redonda em que participamos com os reportados professores. Já no período da tarde, o Prof. Ms. Artur Baniwa, da etnia Baniwa da região amazônica, ministrou aula de Nheengatu.

Outra contribuição importante que realizamos se deu em outro campo linguístico: o literário. Realizamos a publicação de um livro, um conto de ficção científica, intitulado “Telenguage: a língua do futuro”, em cuja versão digital, cumpre dizer, encontram-se nossos agradecimentos à Capes. Tal versão do livro já se encontra no Repositório Institucional da Universidade Federal do Ceará. O pré-lançamento de sua versão impressa ocorreu na Rádio FM Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Nesta, concedemos entrevista ao Programa Autores e Ideias, onde falamos de relações entre Linguística e Literatura, a partir de Roman Jakobson, e, especialmente, de nosso livro que narra, por meio da ficção, a evolução da linguagem humana. Já o lançamento oficial desta obra ocorreu recentemente, no dia 22 de outubro de 2019, na Universidade Regional do Cariri, onde atualmente trabalho como professor (temporário) de Linguística.

Por fim, agradeço à Capes pelo apoio financeiro, que foi fundamental tanto para meu aperfeiçoamento durante esse estágio pós-doutoral, quanto para o desenvolvimento de todas as contribuições acima. Algo semelhante se pode dizer de nosso nobre supervisor Prof. Dr. Leonel Figueiredo Alencar, a quem reitero aqui meus agradecimentos, especialmente por sua visão humanista e por seu exemplo de seriedade, honra e compromisso para com a pesquisa científica.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. – 3ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BAGNO, M. (2011). O que é uma língua? **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. (orgs.) Xoán Lagares, Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, pp. 355-387.

KAPLAN, R; BRESNAN, J. (1982). Lexical-Functional Grammar: A Formal System for Grammatical Representation. In Joan Bresnan (ed.), **The Mental Representation of Grammatical Relations**. Cambridge, MA, MIT Press, 1982.

LAGARES, X. C. **Qual política linguística?:** desafios glotopolíticos contemporâneos. 1. – ed. – São Paulo: Parábola, 2018.

ORLANDI, E.P. **Língua e conhecimento linguístico:** para uma história das ideias no Brasil. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PERINI, M. **Princípios de linguística descritiva**. Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SCHWARZE, C.; ALENCAR, L. **Lexikalisch-funktionale Grammatik:** eine Einführung am Beispiel des Französischen mit computer-linguistischer Implementierung. Tübingen: Stauffenburg, 2016.

SILVA, P.H. S. **Telenguage:** a língua do futuro. Fortaleza: Expresso Poema Editora, 2019. 44p. ISBN: 978-85-94124-02-9.

Pedro Silva

*TE
LEN
GUAGE*

a língua do futuro



Pedro Silva

TE
LEN
GUAGE
a língua do futuro

1ª edição

Expresso Poema Editora e Livros Artesanais

Fortaleza/CE

2019

Expresso Poema Editora e Livros Artesanais

CNPJ: 27.940.282/000163

www.expressopoema.com.br

expressopoema@gmail.com

Ficha Técnica

Editora chefe: Katiusha de Moraes

Projeto gráfico: Katiusha de Moraes

Editoração eletrônica: Taliba

Capa: Katiusha de Moraes

Autor

Pedro Henrique Sousa da Silva (Pedro Silva)

phpesquisador@gmail.com

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães

CRB3/801-98

S586t Silva, Pedro Henrique Sousa da
Telenguage: a língua do futuro / Pedro Henrique
Sousa da Silva.- Fortaleza: Expresso Poema Editora, 2019.
44p.
ISBN 978-85-94124-02-9
1. Linguística I. Título

CDD 400